

a Igreja. Deste modo, tais palavras são um meio muito feliz de apontar para uma existência em chave de atenção e respeito por aquilo que de mais essencial existe em cada ser humano: a sua dignidade ilimitada decorrente da sua relação com Deus. Rigoroso na sua análise espiritual, perspicaz na sua atenção psicológica e provocador na sua candura, Carlo Maria Martini não evita abordar questões delicadas – o sofrimento espiritual, a dor individual e social, as contradições visíveis na Igreja – que apenas a partir de uma perspectiva mística podem sair da banalidade do discurso quotidiano e, depois, ser ponderadas com qualidade e valor, positividade e humanidade; isto é, à luz de uma Palavra feita Homem que ensina a amar, sem ignorar o que de mais sombrio pode existir em cada situação concreta, a todos sem excepção.

O texto preserva, ao longo de quase toda a sua extensão, o registo de oralidade típico de quem, como é sabido, escrevia como falava e falava como escrevia. Isto, todavia, não retira em nada – pelo contrário – valor ao mesmo. Com efeito, chega a dar a impressão de ser para os leitores deste livro que o autor dedicava a sua atenção na ponderação do que dizer. Esse facto – claramente menos uma estratégia do que uma qualidade humana profundamente enraizada num autor já em fim de vida –, envolve quem o tiver em mãos num caminho de progressivo baixar de seguranças e pressupostos mentais ou afectivos. Com tal caminho – em que os leitores (que podem ler as palavras de Carlo Maria Martini em conjunto e não em fascículos, mais ou menos isoláveis, pelo ritmo das suas publicações originais) são bem mais beneficiados do que quem leu pela primeira vez tais palavras –, a própria mensagem bíblico-cristã, mesmo quando bem conhecida, surge com tons de novidade e originalidade.

Podendo ser este livro, com extrema facilidade, uma ajuda para a oração de quem o puder ler, o mesmo não nos permite ter qualquer dúvida: estamos perante páginas em que, mais do que em outras instâncias de cunho igualmente espiritual do seu autor, a emoção religiosa e humana transpira por cada inflexão de contornos emitidos por um genuíno *patèr pneumatikós*.

ALEXANDRE FREIRE DUARTE

RELIGIÕES

VÁZQUEZ BORAU, José Luis, **100 perguntas sobre El Islam**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 223 p., 210 x 140, ISBN 978-84-285-4406-1.

Numa altura em que o Islamismo está em grande foco, conhecê-lo um pouco melhor por dentro interessa, sem dúvida, não só aos estudiosos das religiões mas também ao homem comum. J. L. Vázquez Borau, doutor em Filosofia e Teologia e especialista em Ciências Religiosas, apresenta neste livro resposta a muitas perguntas que as pessoas se podem fazer sobre aquela religião e a muitas que nem sequer se lembrariam de fazer. O estilo do livro lembra as sumas medievais, nomeadamente os artigos da *Summa Theologiae* de S. Tomás, sempre iniciados por uma interrogativa (*Utrum...* – [Pergunta-se] se...). O autor coloca cada questão e, em seguida, desenvolve a respectiva resposta. Resulta daí um livro muito esclarecedor e muito prático.

Está estruturado em duas partes, correspondendo a primeira a factos e aspectos vários da fundação do Islamismo e a segunda aos seus desenvolvimentos posteriores. Assim, ma primeira o autor

responde a questões sobre o carácter fundamental do Islão como religião da submissão (com referência aos precedentes históricos na Arábia), sobre o fundador. Maomé, sobre a doutrina corânica, sobre o primeiro desenvolvimento histórico, sobre o Corão, a Sharia ou a lei islâmica, a Umma ou comunidade dos puros, e finalmente sobre os símbolos, festas e ritos islâmicos.

A segunda parte começa com a sucessão do profeta, com a divisão dos muçulmanos em sunitas, chiitas e jariyíes; o capítulo seguinte versa sobre o caminho místico, seguido pelos sufies e pelo marabutismo (como é o culto dos santos no Islão, etc.), apresentando os principais representantes da mística muçulmana. Um capítulo de grande interesse é o que trata dos grupos islâmicos na época moderna, com particular referência a Atatürk e ao seu movimento de laicização, aos talibãs e à Al Qaeda, entre outros.

Uma extensa conclusão procura responder a questões como: É possível o diálogo islâmico-cristão? Que diferenças entre guerra santa, Yihad, e as cruzadas? O ensino do Islão proíbe o terrorismo? Foi Charles de Foucauld um irmão universal entre os tuareg? Como gerar um autêntico diálogo interreligioso? Uma fé comum num único Deus?

Um vocabulário e uma bibliografia atinentes completam o volume.

LUÍS SALGADO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

ROBLES, Manuel, **Pablo VI, ese gran desconocido. Anécdotas de un Papa**, col. «Testigos», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 237 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4584-6.

Manuel Robles, padre e jornalista – que já publicou também uma biografia do Papa Francisco (2013) –, assume aqui, como pressuposto, algo que é fácil de constatar: Paulo VI foi um papa discreto, sóbrio, avesso a grandes exibições e a palavras vazias. Por isso – e também, sem dúvida, pelo contraste com o modo de ser e de fazer, do seu sucessor quase imediato, João Paulo II –, não admira que o seu pontificado, exercido no tempo difícil do imediato pós-Vaticano II, sendo de uma enorme grandeza e cheio de consequências para a reforma e renovação da Igreja no tempo pós-conciliar, tenha sofrido de um eclipse que dura até ao presente. O autor deste livro propõe-nos uma aproximação do verdadeiro Paulo VI (agora, felizmente, beatificado), através de episódios da sua vida, desde a infância, que mostram que, por mais que tenha sempre cultivado a discrição e sempre dando a aparência de algo tímido, ele foi, verdadeiramente, um papa intelectual, enérgico e profundamente espiritual, que marcou a fundo a vida da Igreja para os tempos que vivemos.

Num primeiro capítulo, Manuel Robles apresenta uma série de episódios do ainda menino João Baptista Montini na sua relação com diversas pessoas da família, sublinhando a sua grandeza moral, espiritual e humana e as suas influências daquela na formação da personalidade do futuro Papa. Relata depois casos e facetas da sua infância e juventude: coisas aparentemente banais, mas que revelam já a personalidade em causa. O capítulo terceiro é dedicado ao tempo de estudos no Seminário de Brescia até à ordenação sacerdotal. O quarto, aos estudos em Roma, por vontade do seu bispo. O quinto refere episódios e passagens do seu trabalho na Secretaria de Estado, para onde foi chamado aos 26 anos e onde trabalhou – quem diria? – sob a chefia do Cardeal Ottaviani. No capítulo seguinte, os episódios são do tempo do seu serviço diplomático